


Estágio supervisionado em história e o ensino remoto: desafios e reflexões sobre a experiência de um estudante do ensino fundamental do interior do Ceará

Supervised internship in history and distance education: challenges and reflections on the experience of an elementary school student from the interior of Ceará


Teófilo Primo*

teofilocorreia44@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0168-5489>

Janaina Guimarães da Fonseca e Silva**

guimaraes.janaina@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1518-5784>

RESUMO Este artigo tem como objetivo deslindar sobre as tensões e os percalços de um estudante do ensino básico da rede particular do interior do Ceará, junto a sua família, frente à realidade do ensino remoto adotado durante a pandemia do novo coronavírus. Trata-se de um estudo qualitativo, semiestruturado, no qual foram realizadas duas entrevistas, uma com o estudante do 3º ano do ensino fundamental da rede particular e a outra com o seu núcleo familiar, sendo este representado por sua mãe. As entrevistas foram realizadas na cidade de Crato, Ceará, 2020. O estudo se deu através da experiência do Estágio Supervisionado em História. Os resultados revelam que o ensino remoto não atingiu todas as escolas, a experiência nesse artigo revela que a instituição escolar utilizou o “visto remoto” sistema baseado na troca de fotos das atividades escolares. Por fim, a sobrecarga da mãe com as atividades domésticas, cuidado com a prole e educação, a falta de preparo dos professores, a falta de planejamento escolar referente ao ensino remoto e a demora na tomada de decisões por parte do Estado relacionado às diretrizes educacionais corroborou para uma aprendizagem não satisfatória do estudante.

PALAVRAS-CHAVE: Aulas Remotas; Covid-19; Educação; Ensino Fundamental.

ABSTRACT: This article aims to unravel about the tensions and mishaps of a student of the basic education of the private network of the interior of Ceará, together with his family, facing the reality of

* Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri - URCA. Mestrando em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE.

**Doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Pós-doutora pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Professora adjunta da Universidade de Pernambuco, campus Mata Norte e membro permanente do PROFHISTÓRIA da UPE e do Programa de Pós-graduação em História da UFRPE.



the remote education adopted during the pandemic of the new coronavirus. This is a qualitative, semi-structured study, in which two interviews were conducted, one with the 3rd grade student from the private elementary school and the other with his family, represented by his mother. The interviews were held in the city of Crato, Ceará, 2020. The study took place through the experience of the Supervised Internship in History. The results reveal that remote teaching did not reach all schools, the experience in this article reveals that the school institution used the "remote visa" system based on the exchange of photos of school activities. Finally, the mother's overload with domestic activities, care of the offspring and education, the teachers' lack of preparation, the lack of school planning regarding remote teaching and the delay in decision making by the State related to educational guidelines corroborated to unsatisfactory student learning.

KEYWORDS: Remote Classrooms; Covid-19; Educação; Elementary School.

Introdução

A pandemia do novo coronavírus ou covid-19 causada pelo vírus SARS-CoV-2 mudou substancialmente as relações humanas. Os impactos foram sentidos em diversos setores da sociedade, desde a área epidemiológica, afetando toda a escala global, até as repercussões nos âmbitos, sociais, políticos, econômicos, culturais, históricos e educacionais.

A educação básica foi uma das áreas mais afetadas uma vez que teve seu funcionamento restrito aos domicílios como medida de prevenção ao contágio. Nesse sentido, inquietações e dúvidas surgiram na sociedade civil e política em torno de como amenizar os impactos do isolamento social e de como traçar novas perspectivas educacionais.

O Artigo nº 5 da CF-1998 define que: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (CONSTITUIÇÃO, 1998, p.123). Ou seja, educar é garantir aos estudantes pleno gozo de acesso e permanência nas instituições educacionais, sendo função do Estado e da família, presente sob qualquer circunstância.

Simone Schelive e Luiz Bordin (2017, p.14721) mencionam que uma educação de qualidade é resultado de um processo extenso, baseado no direito em que os/as alunos/as necessitam para receber informações de qualidade, “que satisfaça suas necessidades básicas de aprendizagem e enriqueça suas vidas e também a contribuição delas na sociedade”. Em outros termos, significa dizer que o processo ensino-aprendizagem do/a aluno/a resulta na interação direta com a sociedade e a comunidade escolar.

Além das dificuldades pedagógicas presentes no contexto escolar, informações do Grupo Banco Mundial (2020) previam que com a pandemia a educação sofrerá choques globais sem precedentes. Segundo a organização, "o choque do fechamento das escolas levará a perdas

de aprendizagem, aumento da evasão escolar e elevação da desigualdade; o choque econômico irá exacerbar o dano, afetando negativamente a demanda e a oferta de educação, e prejudicando as famílias” [...]. (BANCO MUNDIAL, 2020, p.5).

Segundo relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2020) o fechamento de escolas e universidades foi adotado como uma medida crucial para o bloqueio da transmissão do vírus, precipitando assim uma crise educacional que embora já existente, foi ainda mais acentuada com as diversas e múltiplas desigualdades, muitas então, agora, evidenciadas nas salas de aula. Segundo os dados do relatório (UNESCO, 2020), cerca de 91% dos/das estudantes, em escala global, tiveram suas atividades paradas no pico do fechamento em 194 países.

As previsões alertadas pelas instituições citadas se concretizaram. Segundo dados coletados pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2021) no final de 2020, primeiro ano da pandemia, cerca de 5.075.294 de crianças e adolescentes em faixa etária entre 6 a 17 anos estavam fora da escola, correspondendo a 13,9% dessa população em todo o Brasil. Quando se leva em consideração o recorte por raça constata-se que (p. 49): “Crianças e adolescentes pretas(os), pardas(os) e indígenas são a maioria dentre as(os) excluídos da escola durante o ano letivo de 2020, o primeiro da pandemia.”.¹

O ensino remoto ou até mesmo as plataformas digitais utilizadas no Ensino a Distância (EaD) passaram a ser a solução mais viável para que as crianças e os jovens conseguissem concluir o ano letivo na finalidade de reduzir os impactos. Face o exposto, o presente artigo busca deslindar sobre as tensões e os percalços de um estudante do ensino básico da rede particular do interior do Ceará, junto a sua família, frente à realidade do ensino remoto sugerido como medida excepcional pelo Ministério da Educação (MEC, 2020) na finalidade de reduzir os impactos causados pelo isolamento social.

Métodos

Trata-se de um estudo qualitativo, de ordem semiestruturada no qual foram realizadas duas entrevistas, uma com o estudante Guilherme Levy do 3º ano do ensino fundamental da

¹ Uma pesquisa realizada pelo Plano CDE com base em dados de pesquisa da Datafolha, encomendada pelo Itaú Social, Fundação Lemann e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), entre maio de 2020 e setembro de 2021, evidenciou que estudantes negros e pobres foram os mais afetados durante a pandemia da covid-19, sendo este, o grupo que mais demorou a ter acesso as atividades remotas bem como outras atividades tecnológicas. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Educacao-nao-presencial-na-perspectiva-dos-estudantes-e-suas-familias-Onda-6.pdf>.

rede particular e a outra com o seu núcleo familiar, sendo este representado por sua mãe, Thyanne Hermylle². As entrevistas foram realizadas na cidade de Crato, Ceará.³ Na entrevista, objetivou-se deslindar sobre a experiência do aluno e do núcleo familiar frente à nova realidade educacional, caracterizada pelo ensino remoto. Ressalta-se que as responsáveis pelo estudante assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), autorizando o pesquisador a utilizar o depoimento no todo ou em parte.

Para o desenvolvimento do artigo faremos uso da história oral definida pelo autor Alessandro Portelli (2016) como uma arte da escuta, nesse sentido ele menciona suas características:

1. Relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo);
2. A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória);
3. A relação entre a esfera pública e a privada, entre autobiografia e história – entre, digamos, a História e as histórias;
4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador. (PORTELLI, 2016, p.12).

Entre as abordagens metodológicas presentes nas correntes historiográficas, a história oral se coloca como uma metodologia que aproxima, produz e permite a reescrita narrativa dos sujeitos que foram historicamente colocados/as a margem, bem como os grupos minoritários e os/as indivíduos/as que não eram considerados importantes para a produção científica.

Tem caráter e perspectiva da micro-histórica, assim disserta Etienne François (2006, p.4).⁴ Para ele a história foi inovadora pois deu atenção especial aos “dominados”, aos excluídos da história. Sobre sua abordagem, descreve “dão preferência a uma "história vista de baixo" (Geschichte von unten, Geschichte von innen), atenta às maneiras de ver e de sentir, e que às estruturas "objetivas" e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais”.

² Thyanne é uma mulher branca residente na periferia da cidade do Crato, localizado na região do Cariri, Ceará. Casada com Jorge Henrique da Silva, mãe de dois filhos. Dona do lar e confeiteira. A entrevista foi realizada na sua casa e teve como pontos de diálogo sua experiência enquanto mãe e a experiência do seu filho frente ao ensino remoto.

³ Crato é um município brasileiro do estado do Ceará. Situa-se no Cariri cearense, conhecido popularmente como o "Oásis do Sertão" pelas características climáticas mais úmidas e favoráveis à agropecuária. Faz divisa com o estado de Pernambuco, constituindo também um entroncamento rodoviário que a interliga ao Piauí, Paraíba e Pernambuco, além da capital do Ceará, Fortaleza. Localiza-se no sopé da Chapada do Araripe no extremo-sul do estado e na Microrregião do Cariri, integrante da Região Metropolitana do Cariri e em 2021, tinha 133 913 habitantes. Mais informações: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Crato_\(Cear%C3%A1\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Crato_(Cear%C3%A1)).

⁴ Etienne François é um historiador francês. Compôs a coletânea organizada por Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, intitulada: Usos e abusos da história oral, lançada em 2006.

Nesse caminho, a autora Maria Minayo (1994, p.21/22) destaca que a pesquisa qualitativa reflete situações muito particulares, sendo algo sensível, que não pode ser quantificado. Disserta ainda que: “ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Resultados e Discussão

Diante do cenário da pandemia de covid-19 as escolas juntos aos Estados e ao Governo Federal tiveram que reconstruir por meio do Ministério da Educação (MEC) e do Conselho Nacional de Educação (CNE) novas perspectivas para a continuidade do processo ensino-aprendizagem. Uma das vias de possibilidade para essa continuidade foi o ensino remoto sugerido pelos conselhos governamentais, que posteriormente viria a ser adotado pelas escolas e universidades.

Para Maria Oliveira et al (2020), ensino remoto é definido como uma mediação pedagógica dada por meio de tecnologias e plataformas digitais que busca apoiar o processo ensino-aprendizagem contribuindo para o desenvolvimento entre professores e alunos.

O ensino remoto adotado como meio pedagógico durante o isolamento social provocou desafios e tensões nas famílias e nas escolas. Uma delas se refere ao acesso à internet, já que nem todas as famílias possuem as mesmas condições econômicas para o acesso de qualidade aos meios tecnológicos. O estudante do ensino fundamental da rede particular do interior do Ceará relata que:

Entrevistador: Quais são os meios que você vem utilizando para realizar as “tarefinhas”?

Entrevistado: Celular!

Entrevistador: Você utiliza apenas o celular?

Entrevistado: Só!

Entrevistador: Como vem sendo sua comunicação com as professoras, hoje?

Entrevistado: É... Eu tô assistindo vídeo, a professora manda vídeo, aí nós assiste e faz.

Entrevistador: Por onde ela envia os vídeos?

Entrevistado: por Whatsapp. (GUILHERME LEVY, 2020).

A narrativa de Guilherme descreve a situação de milhares de estudantes que necessitam de melhores condições para a continuidade das aulas remotas e é corroborado pelos dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC 2020) realizado entre outubro de 2019 a março de 2020, o estudo revelou que: o

aparelho celular é utilizado por (99%) dos indivíduos, além de que 58% acessam a internet somente pelo celular.

Já em outro estudo divulgado pela CETIC, intitulado: “Pesquisa TIC Educação 2019” realizada entre os meses de agosto e novembro do referido ano, apontaram que: apesar do número crescente de acesso a internet e seus recursos midiáticos, apenas 28% dos estudantes haviam utilizado a internet para falar com as/os professoras/es ou terem participado de cursos on-line. Os dados demonstram que a utilização da internet e seus recursos de mídia como meio pedagógico se tornou um desafio frente à desigualdade digital e a falta de preparo das/os professoras/es, além de demonstrar que antes da pandemia as estratégias tecnológicas como recurso didático para a comunidade escolar já era um desafio.

Face o exposto, a utilização do *Whatsapp* como canal pedagógico comunicativo entre professores/as e alunos/as, sendo as aulas enviadas por vídeos, reflete: a má formação das licenciaturas no que concerne aos recursos tecnológicos como meios didáticos, a falta de um mínimo contato entre alunos/as e o núcleo escolar, além de revelar que nem o corpo docente e muito menos as famílias estão preparadas ou tem condições financeiras para a continuidade do ensino remoto emergencial de qualidade sem o apoio do Estado.

Em outra via, o aplicativo *Whatsapp* como sendo o mais utilizado, acabou sendo a plataforma empregada pelas escolas na tentativa de manter a comunicação. Guilherme Levy menciona que os/as professoras/es enviam e conferem as atividades através das fotos que são enviadas no aplicativo, sistema que categorizo como: “visto remoto”. Então descreve:

Entrevistador: como os professores estão acompanhando a realização das atividades?

Entrevistado: a gente manda as fotos das atividades.

Entrevistador: por onde são enviadas?

Entrevistado: pelo *Whatsapp*. (GUILHERME LEVY, 2020).

O visto remoto adotado pelas escolas reflete o desconhecimento de outras plataformas digitais e a má qualificação da equipe pedagógica, uma vez que o aplicativo é utilizado no Brasil como meio de comunicação rápida e informal e que não era utilizado para fins didáticos. Explicita-se a falta de possibilidade no que se refere a formação continuada do corpo docente, além da falta de uma estratégia específica que vislumbrasse diminuir os impactos provocados pela pandemia no processo de ensino e aprendizagem.

Dado o contexto, a utilização do *Whatsapp* como uma ferramenta de extensão às aulas pode contribuir para um ambiente de colaboração, auxiliando na aprendizagem, rompendo com

os muros da sala de aula (Lopes & Vaz, 2016). No entanto, a promoção de tal ferramenta como método pedagógico exclusivo, por si só, não oferece possibilidades para uma aprendizagem adequada.

Para Ernane Martins e Luís Gouveia (2018) os usos de tecnologias na sala de aula não são garantias pura e simplesmente da qualidade do ensino, necessitando para isso uma transformação do conjunto das práticas docentes. Já os/as autoras/es Antonio Moreira e Sonia Kramer (2007) alertam que os objetos técnicos não são instrumentos mágicos que garantam a plena qualidade do ensino e que em muitas vezes através desses dispositivos acontece apenas à transposição dos conteúdos em sua forma tradicional.

Portanto, o visto remoto, sistema no qual os/as professores/as enviam e conferem as atividades por meio das fotos que são enviadas no aplicativo não contribuiu enquanto ferramenta de apoio pedagógica, corroborando com a defasagem do processo de ensino e aprendizagem.

Desafios A Pratica Docente

Historicamente, as desigualdades sociais acabam definindo as melhores condições de educação conforme suas respectivas classes contribuindo então para a produção do fracasso escolar (PATTO, 1999). Segundo dados do “TIC domicílios 2019” (CETIC, 2020), 20 milhões de famílias no Brasil não possuem acesso à internet, o que corresponde a 28%. Outro dado importante refere-se aos domicílios que possuem computadores: 95% da classe “A” possuem, em contrapartida a 14% das classes “DE” que não possuem.

Frente às desigualdades sociais, Guilherme Levy menciona como ele queria que as aulas remotas estivessem acontecendo:

Entrevistador: você acha que as aulas poderiam ser diferentes?

Entrevistado: é. A gente ficava no computador assistindo a aula, a professora dava a aula, ao vivo. Ai todos os colegas entravam na aula. Ai tinha tudo, abrir o áudio, abrir a câmera, aí elas diziam as tarefas e nós fazia.

Entrevistador: As aulas da forma como você mencionaram seria melhor do que as aulas pelo Whatsapp?

Entrevistado: é. Porque aí nós pegava só o livro, escrevia né. Ai eles corrigiam e a gente abria a câmera. Eles corrigiam a pagina. (GUILHERME LEVY, 2020).

Além da desigualdade social que prejudica muitos alunos das classes populares, muitos/as professores/as não se sentem habilitados a ministrar aulas à distância. Segundo informações do Instituto Península (2020) cerca de (88%) não tinham dado aula por meio

remoto antes da paralização das aulas presenciais. Os dados concluem ainda que: “a grande maioria dos professores (83,4%) se sente nada ou pouco preparados para ensinar de forma remota”. (PENÍNSULA, 2020, p.15).

Esses dados desafiam a prática docente uma vez que os/as profissionais não se sentem preparados. O apoio financeiro das escolas particulares de pequeno porte as/aos docentes, o auxílio do Estado na formação continuada dos/das professores/as e as diversas e múltiplas facetas socioculturais dos/as estudantes contribuem para o déficit de aprendizagem e à estagnação na utilização de outras plataformas digitais que viessem a potencializar os saberes frente ao ensino remoto.

A Família E O Processo De Aprendizagem

A família enquanto instituição social deveria, em tese, proporcionar os meios possíveis para a potencialização e desenvolvimento dos saberes. No entanto, a discrepância entre as classes médias e as classes populares potencializadas pelo sistema capitalistas revela que, na prática, as condições de ensino adequadas não são ofertadas as crianças que mais necessitam.

A desigualdade social vivenciada pelas famílias pode prejudicar o processo de ensino e aprendizagem das crianças. Thayanne, dona do lar, confeiteira e mãe de dois filhos, entre eles o Guilherme, relata que com o isolamento social a sobrecarga na educação e cuidado com os/as filhos/as tornou-se ainda maior, uma vez que seu marido trabalha durante o dia e a noite realiza as entregas dos bolos que ela faz, ficando impossibilitado, segundo ela, de auxiliar nos estudos das crianças.

Narra que:

Entrevistador: Thayanne como vem sendo a sua experiência com o ensino remoto?

Entrevistada: ficou bastante difícil por conta, quando eles estavam na escola eu poderia trabalhar, ficava mais tranquila e não tinha tantas tarefas, tantas coisas pra fazer com eles quando eles chegavam, e agora com o ensino remoto, além de sobrecarregada com os trabalhos do dia-a-dia ainda tenho que dar de conta das atividades diária dele.

Entrevistador: em relação ao auxílio no ensino dele, quem vem ensinando as tarefas, você ou o pai dele também ajuda?

Entrevistada: somente eu.

Entrevistador: por quê?

Entrevistada: porque meu esposo trabalha durante o dia e a noite ainda realiza as entregas de umas encomendas minhas, aí ele não tem tempo, daí fica tudo pra mim. (THAYANNE, 2020).

Segundo os/as autores/as Pascale Fiorin, Clarissa Oliveira, Ana Dias A, C, G (2014) o cuidado com os/as filhos/as, a educação, as atividades domésticas, bem como, aos aspectos de

higiene e alimentação foram ao longo do tempo denominado como sendo responsabilidade feminina, resultado de uma longa construção histórica patriarcal. Observa-se que as normativas de gênero e a configuração patriarcal se faz presente no relato descrito por Thayanne.

Indagada mais uma vez sobre a possibilidade das obrigações serem divididas com o pai, inclusive no final de semana, ou até mesmo sobre algum familiar que poderia auxiliar nas atividades das crianças, respondeu que:

Entrevistada: assim, se meu esposo tivesse disponibilidade ele me ajudaria bastante, só que ele não tem como fazer, até por que ele só tem tempo no final de semana e eu não poderia juntar tanta atividade pro fim de semana. Em relação aos familiares não tenho quem possa me ajudar com isso. (THAYANNE, 2020).

Percebemos que inconscientemente Thayanne está no jogo das relações normativas de gênero e acaba reforçando tais premissas. A narrativa nos conduz há um não reconhecimento do seu esgotamento enquanto mãe, dona de casa e confeitadeira, conduzindo-a a reflexão que apenas o pai vive esgotado em função do trabalho e que por isso não poderia auxiliar na educação das crianças.

As dificuldades vivenciadas pela família do Guilherme revelam que as condições necessárias para a continuidade das aulas remotas não estão sendo ofertadas a sua família, prejudicando seu desenvolvimento cognitivo. Além disso, foi possível observar uma sobrecarga ainda maior na sua mãe, explicitando a desigualdade de gênero.

Maria Schimdt (2019) disserta que a aprendizagem aliada ao conhecimento histórico deve ser uma construção mútua entre os/as alunos/as, professoras/es e a comunidade escolar, tendo como centro uma aprendizagem que favoreça a produção de saberes. Narra que a consciência histórica deve ser o pressuposto básico da aprendizagem, e que a investigação de abordagens, metodologias, conceituações, elaborações e forças motrizes presentes na cultura escolar, nas ideias de professoras e alunos, bem como em outros espaços da cultura escolar podem favorecer a aprendizagem e a apreensão histórica.

Percebe-se que esse processo de construção entre a escola, a família e as outras formas de socialização não vem acontecendo de forma satisfatória no desenvolvimento do Guilherme. Sobrecarregada pela desigualdade de gênero, Thayanne menciona encontrar dificuldades na organização dos estudos do filho.

Entrevistador: em relação aos estudos ele tem uma rotina fixa de estudo no dia a dia?

Entrevistada: não. Às vezes quando eu acordo que não começo a trabalhar cedo, já que eu trabalho por minha conta, aí eu vou, chamo ele e faço logo as atividades ou só depois quando eu termino tudo. (THAYANNE, 2020).

As intelectuais Maria Soares, Sílvia Souza e Maria Marinho (2004) narram que estabelecer uma rotina se refere à organização dos dias e horários dos deveres da criança, sendo organizada com a criança e até mesmo os/as professores/as. Ressaltam ainda que é importante incluir o final de semana na agenda dos/as estudantes/as e que a atenção dos pais com isso irá demonstrar que os estudos são uma atividade prioritária.

Entende-se que a organização de uma rotina na vida de uma criança é importante para o seu desenvolvimento cognitivo, uma vez que durante seu crescimento e com ajuda da família, ela irá conseguir distinguir durante seu dia a dia as suas prioridades, momentos de lazer e brincadeiras, tornando-se um adolescente integrado as diversas formas de sociabilidade.

Thayanne continua a narrar as dificuldades com o ensino do filho, que genericamente (leia-se, pela normatização dos papéis de gênero) está sob sua responsabilidade, ou seja, o que vier a dar errado no processo de ensino e aprendizagem do Guilherme será socialmente e familiarmente responsabilidade sua.

Entrevistada: primeiro por conta de atividades que já passaram muito tempo que eu estudei, eu não sei pra tá explicando. Outra é que eu preciso interromper o meu trabalho pra explicar a ele, a escola não dá tanta assistência, por mais que seja particular não dá a assistência necessária nas atividades que são só por vídeo aulas. (TAYANNE, 2020)

Thayanne, uma mulher de cor branca, é uma das poucas mães no Brasil que puderam concluir o ensino básico, reflexo da sua identificação racial.⁵ De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) de 2018, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) cerca de 49,5% das mulheres conseguiram concluir o ensino básico no referido ano, isso significa dizer que 50,5% não conseguiram dar continuidade aos estudos e conseqüentemente concluir o ensino médio. Esses dados evidenciam um panorama de baixa escolaridade entre as mulheres no Brasil.

As dificuldades na aprendizagem do filho se estendem ao ambiente de estudo em casa.

Entrevistador: e como você descreve o ambiente de estudo do Guilherme?

Entrevistada: fica complicado por que eu tenho uma filha pequena, aí na hora dele fazer as tarefas ela acaba atrapalhando um pouco, aí não tem como ele ficar totalmente centrado naquilo. Ele fica pensando em vídeo games, celular, em brincadeiras, não foca totalmente nos estudos como na escola. (THAYANNE, 2020).

⁵ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgado no site Observatório das desigualdades, a evasão escolar no Brasil atinge mais a população negra do que a branca. 30% das meninas negras não concluíram o ensino médio em 2018, enquanto a taxa de meninas brancas é de 18,2%. Disponível em: <<http://observatoriodesigualdades.fjp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2019/08/OD5-1.pdf>>.

O ambiente de estudo em casa pode potencializar os saberes, a concentração e a satisfação com os estudos. Para Maria Soares, Sílvia Souza e Maria Marinho (2004) um ambiente turbulento não estimula a educação. Ressaltam ainda que um espaço adequado, sem distrações, com boa iluminação, com fácil acessibilidade aos materiais escolares, tranquilo e organizado favorece e promove a educação do aluno.

Diante de tantas adversidades, Thayanne menciona que gostaria de contar com a ajuda de alguém para a realização das tarefas do seu filho:

Entrevistador: você acha necessário o auxílio de alguém para ensinar as tarefas do seu filho?

Entrevistada: Sim, era necessário sim, mas infelizmente não tenho como colocar outra pessoa pra ensinar no momento.

Entrevistador: por quê?

Entrevistada: porque no momento eu não tô com esse auxílio pra fazer esse pagamento e no momento não tenho, não tenho mesmo. (THAYANNE, 2020).

Com poucas condições financeiras, a família do Guilherme não tem a oportunidade de contar com outros meios pedagógicos, como por exemplo, o reforço escolar. Para além das dificuldades narradas, a própria instituição escolar, segundo Thayanne, não teve um planejamento efetivo com as aulas remotas e não realizou reuniões que integrassem as famílias e a comunidade escolar.

Entrevistador: você costuma participar das reuniões escolares, dos encontros com os professores e professoras??

Entrevistada: sim, sempre.

Entrevistador: esse ano durante a pandemia houve os encontros, as reuniões escolares?

Entrevistada: não, nenhum.

Entrevistador: você considera importante a interação com os professores/professoras e a comunidade escolar, em geral, para a aprendizagem do seu filho?

Entrevistada: sim, porque vão estar todos fazendo as mesmas coisas, vai tá interagindo sobre aquilo, conversando, e só vão brincar no momento certo que todos vão, aí é bem importante.

Nesse aspecto, Elaise Crepaldi (2017) menciona que a integração da família com a comunidade escolar tem importância fundamental na extensão do processo de aprendizagem. Pais participativos tornam as crianças sujeitos confiantes na superação das dificuldades e no conhecimento dos seus saberes. Por fim, destaca que a junção da família e da comunidade escolar através do diálogo é de grande relevância, uma vez que a escola enquanto instituição social é compreendida como um ponto de mediação entre os/as alunos/as e a família.

Considerações Finais

Diante do exposto, evidenciou-se que o ensino remoto adotado como meio pedagógico emergencial durante a pandemia não chegou a todas as escolas. A experiência do Guilherme permite dissertar que mesmo estudando em uma escola da rede particular os desafios foram enormes para toda a sociedade. Foi possível observar que o sistema adotado pela sua escola teve como base o “visto remoto” através das fotos das atividades escolares que eram enviadas por meio do aplicativo *Whatsapp*.

Por fim, destaca-se que as condições financeiras, a sobrecarga das atividades domésticas tendo como meio norteador as relações desiguais de gênero, o cuidado com a prole e educação, a falta de um ambiente adequado de estudo, a falta de preparo e a falta de possibilidades referentes a formação continuada dos/das professores/as, a não existência de um plano de ensino específico para a retomada das aulas por meio remoto e a morosidade na tomada de decisões por parte do Estado, seja nas diretrizes educacionais ou no apoio financeiro as famílias populares corroborou para que a aprendizagem do Guilherme não fosse satisfatória durante o período pandêmico.

Referências Bibliográficas

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral* Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. - 8. ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006.

[Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p.

Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. Comitê Gestor da Internet no Brasil. Resumo Executivo: *Pesquisa TIC Educação 2020*. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/publicacao/resumo-executivo-pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nas-escolas-brasileiras-tic-educacao-2019/>>. Acesso: 10 de dezembro de 2020.

CREPALDI, E, M, F. A Importância da Família na Escola Para a Construção do Desenvolvimento do Aluno. *EDUCERE: XIII Congresso Nacional de Educação*. 2017. 11733-11744. p.

DESLANDES, Suely Ferreira. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* / Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). - Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FIORIN, P C; OLIVEIRA C T; DIAS, A C G. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. São Paulo, 2014.

Instituto Península. Relatório de Pesquisa: Sentimento e Percepção dos Professores Brasileiros Nos Diferentes Estágios do Coronavírus no Brasil. Estágio Intermediário – maio de 2020. P. 1 a 33. Disponível em: <https://www.institutopeninsula.org.br/wp->

[content/uploads/2020/05/Covid19_InstitutoPeninsula_Fase2_at%C3%A91405-1.pdf](#). Acesso: 15 de dezembro de 2020.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) -- *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*: Educação 2018. 2019

LOPES, C. G.; VAZ, B. B. O Uso Pedagógico dos Grupos do WhatsApp no Ensino de História. In: *V Congresso Internacional de História - Novas Epistemes e Narrativas Contemporâneas*, p. 1-28, Jataí, 2016.

MINAYO, M. C. S. (org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis – Rio de Janeiro, Vozes, 1994. MINAYO, M. C. S.

Ministério da Educação / Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020*. PROCESSO Nº: 23001.000334/2020-21. PARECER CNE/CP Nº: 15/2020.

MARTINS, R. E; GOUVEIA, L. M. B. O Uso do WhatsApp como Ferramenta de Apoio a Aprendizagem no Ensino Médio. *Revista Renote: Novas Tecnologias na Educação*. P. 51 a 60. V. 16, n. 2 (2018). Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/89233>>.

MOREIRA, A. F. B.; KRAMER, S. Contemporaneidade, Educação e Tecnologia. *Educ. Soc., Campinas*, vol. 28, n. 100 - Especial p. 1037- 1057, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1928100.pdf>> Acesso em: 15/10/2020

OLIVEIRA, Maria do Socorro de Lima et al. *Diálogos com docentes sobre ensino remoto e planejamento didático* / Recife: EDUFRPE, 2020.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). 2020. *Global Education Monitoring Report 2020: Inclusion and education: All means all*. Paris.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio da História Oral*, Tradução Fernando Luiz e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PATTO, Maria Helena de Sousa. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia* – São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

ROGERS, Halsey e SABARWA, Shwetlena. Pandemia de covid-19: choques na educação e respostas de políticas. 2020: *GRUPO BANCO MUNDIAL*. Relatório, 1-9 p.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O historiador e a pesquisa em educação histórica. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 74, p. 35-53, mar./abr. 2019.

SOARES, M, R, Z; SOUZA, S, R & MARINHO, M, L. Envolvimento dos Pais: Incentivo à Habilidade de Estudo em Crianças. 253 – 260 p. *Estudos de Psicologia, Campinas*, v.21, n.3, p.253-260, setembro/dezembro 2004.

SCHELIVE, Simone, Luiz de Souza; BORDIN, Reginaldo, Aliçandro. Dificuldade de Aprendizagem: Limites e Possibilidades de Intervenções Pedagógicas. *EDUCERE: XIII Congresso Nacional de Educação*. 2017. 14718-14728p.

TIC Domicílios 2019. Principais Resultados. *Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação*. Outubro 2019 a março de 2020. Disponível em: https://www.cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf>. Acesso: 15 de dezembro de 2020.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). *Cenário de Exclusão Escolar no Brasil: Um alerta sobre os impactos da pandemia da covid-19 na educação*. Dados publicados no site da estratégia Busca Ativa Escolar (buscaativaescolar.org.br) do UNICEF e parceiros, 2021. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf>>.